

AS ONOMATOPEIAS NA LIBRAS*ONOMATOPEIAS IN LIBRAS**Graciele Kerlen Pereira Maia¹**Elidéa Lúcia Almeida Bernardino²***RESUMO**

Desde o reconhecimento do status linguístico das línguas de sinais, várias pesquisas têm reafirmado que as línguas espaço-visuais são línguas naturais, assim como as línguas orais-auditivas. Diante da necessidade de ampliar e enriquecer o conhecimento sistemático sobre as LS, evidencia-se a onomatopeia: figura de linguagem conhecida nas línguas orais por se basear em sons, constituindo-se um campo de estudo profícuo e de grande relevância para a expansão e a consolidação das especificidades das LS. Há poucos estudos que se dediquem exclusivamente em constatar na Libras a figura de linguagem – onomatopeia, que conforme o conceito extraído das línguas orais é uma figura em que palavra ou conjunto de palavras representa um ruído ou som. Emprega-se metodologia qualitativa de objetivo exploratório e procedimento documental. São utilizados os *softwares* ELAN e *Microsoft Paint* como recursos. Este estudo apresenta três etapas: estudo teórico conceitual; coleta de produções em Libras compondo o *corpus*; análise dos vídeos. Pela necessidade de preencher lacunas deixadas pelos estudos já realizados sobre LS, buscam-se semelhanças e diferenças entre os aspectos teóricos e práticos das onomatopeias na Libras e na LP. O principal objetivo é constatar o uso das onomatopeias na Libras, sendo objetivos específicos traçar semelhanças teóricas a partir de estudos já realizados sobre o tema e buscar similaridades na ocorrência desse recurso na Libras e LP, voltando-se para situações de uso da língua. Por fim, um objetivo que perpassa todos os outros, é o de contribuir de forma significativa para os estudos da Libras, prestigiando e respeitando suas especificidades.

PALAVRAS-CHAVE: Libras. Figuras de linguagem. Onomatopeia. Língua em uso.

ABSTRACT

Since the recognition of the linguistic status of sign languages, several studies have reaffirmed that spatial-visual languages are natural languages, just like oral-auditory languages. Given the need to expand and enrich systematic knowledge about SL, onomatopoeia stands out: a figure of speech known in oral languages for being based on sounds, constituting a fruitful field of study of great relevance for the expansion and consolidation of the specificities of SL. There are few studies dedicated exclusively to verifying the figure of speech in Libras – onomatopoeia, which, according to the concept extracted from oral languages, is a figure in which a word or set of words represents a noise or sound. Qualitative methodology with an exploratory objective and documentary procedure are used. ELAN and Microsoft Paint software are used as resources. This study presents three stages: conceptual theoretical study; collection of productions in Libras composing the corpus; video analysis. Due to the need to fill gaps left by studies already carried out on SL, similarities and differences are sought between the theoretical and practical aspects of onomatopoeia in Libras and LP. The main objective is to verify the use of onomatopoeia in Libras, with specific objectives being to draw theoretical similarities based on studies already carried out on the subject and to look for similarities in the occurrence of this resource

¹ Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), grakerlenpmaia@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-9983-1650>.

² Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), elidea@ufmg.br, <https://orcid.org/0000-0002-3718-9631>.

in Libras and LP, focusing on situations of language use. Finally, an objective that permeates all others is to contribute significantly to Libras studies, honoring and respecting its specificities.

KEYWORDS: Libras. Figures of speech. Onomatopoeia. Language in use.

1. Introdução

A partir da necessidade de se desenvolver pesquisas que possam elucidar pontos ainda pouco explorados por estudos acerca da Língua Brasileira de Sinais (Libras), decidiu-se tratar da onomatopeia na Libras. O estudo das figuras de linguagem, no caso especificadamente a onomatopeia como recurso expressivo presente em línguas orais-auditivas e em línguas espaço-visuais valoriza não só a legitimidade da Libras como língua, mas também diversos níveis nos quais essa língua merece ser estudada.

Este artigo é um recorte da tese intitulada “*O uso da Libras sob a perspectiva das figuras de linguagem*” e incide nesse ponto, pouco explorado pelos estudos atuais, e propõe uma pesquisa que visa analisar as onomatopeias das línguas de sinais, especificamente na Libras. Esta pesquisa apresenta-se em três etapas. Em um primeiro momento, expõe-se um estudo teórico dos recursos expressivos, com o intuito de delinear um entrelaçamento entre os conceitos de figuras de linguagem – especialmente a onomatopeia – existentes nas línguas orais. Em um segundo momento, realiza-se uma investigação de situações de uso das onomatopeias na Libras. Nessa etapa, apresenta-se uma análise da coleta de vídeos, ou seja, produções em Libras em que há o emprego das onomatopeias, que foram registradas e divulgadas nas redes sociais de acesso e domínio público, com sinalizantes fluentes na Libras, disponíveis nas redes sociais como: *Youtube e Instagram*. Na última etapa da análise, o foco foi o registro. Esses três momentos de análise buscam apontar semelhanças e diferenças entre as motivações, funções e resultados do uso das onomatopeias na Libras.

2. Justificativa

Desde o reconhecimento do status linguístico das línguas de sinais, incitado pelos estudos de Stokoe, na década de 60, várias pesquisas têm reafirmado que as línguas espaço-visuais não são uma forma de linguagem desprovida de estrutura gramatical, mas línguas naturais, assim como as línguas orais-auditivas. Essa constatação fomentou o interesse de pesquisadores acerca das diversas óticas sob as quais as línguas de sinais merecem e precisam ser estudadas. Assim, percebendo que essas línguas careciam de estudos sistematizados, empreenderam-se pesquisas com o intuito de evidenciar e descrever o funcionamento dos aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos das línguas de sinais. (Klima; Bellugi, 1979; Liddell; Johnson, 1990; Quadros, 1995; Quadros; Karnopp, 2004; Stokoe, 1960).

Apesar de já existir uma quantidade considerável de estudos e conhecimentos acerca das línguas de sinais, eles ainda são quantitativamente muito menores em relação aos que existem sobre as línguas orais-auditivas. (Bolgueroni; Viotti, 2013). Diante disso, da necessidade de ampliar e enriquecer o conhecimento sistemático sobre as línguas de sinais, as onomatopeias enquanto figuras de

linguagem, como recurso intrínseco das línguas orais-auditivas e das espaço-visuais, constituem um campo de estudo profícuo e de grande relevância para a expansão e consolidação das especificidades das línguas de sinais.

Embora a atenção de estudiosos como Wilcox (2000); Fowler; Heaton (2006) e Kaneko (2020) de línguas de sinais, já tenha se voltado para as figuras de linguagem, grande parte das pesquisas já empreendidas e em andamento dedica-se à compreensão de apenas algumas das diversas figuras de linguagem conhecidas. Na Libras, há um interesse mormente pela análise de metáforas e de metonímias (Faria, 2003, 2006; Costa, 2015, 2020). E, apesar de os estudos acerca dessas figuras de linguagem serem de suma importância, faz-se necessário atentar-se também para a ocorrência, o funcionamento e as particularidades de outras figuras de linguagem na Libras, no nosso caso a onomatopeia.

Nesse ponto, após reconhecer a relevância da percepção das onomatopeias da Libras, é preciso atentar-se para o quanto um estudo que descreva e analise as especificidades da Libras é capaz de fortalecer seu *status* de língua. Um estudo assim constitui-se um caminho para atribuir maior prestígio à Libras e ampliar nossa compreensão da língua em cada um dos níveis em que ela pode ser analisada. Segundo Quadros (2004), a língua de sinais apresenta todos os níveis de análise de quaisquer outras línguas, ou seja, o nível sintático (da estrutura), o nível semântico (do significado), o nível morfológico (da formação de palavras/sinais), o nível fonológico (das unidades que constituem uma língua) e o nível pragmático (envolvendo o contexto conversacional).

Encarar a presença da onomatopeia, uma figura de linguagem utilizada como recurso expressivo para transmitir através de palavras escritas um som contido no discurso, a fim de torná-lo mais vivo, mais comunicativo e mais rico (Lopes, 1961), dentro de uma língua cuja modalidade não é oral-auditiva, ou seja, uma língua visual espacial motora é um desafio. Diante disso, este estudo nos permite uma reflexão voltada para a especificidade que a Libras traz enquanto língua de modalidade diferente das línguas orais e, por isso, possibilita-nos a expansão dos estudos dessa língua.

3. Objetivos da pesquisa

A partir da necessidade de preencher lacunas deixadas pelos estudos já realizados sobre línguas de sinais, pretende-se buscar semelhanças e diferenças entre os aspectos teóricos e práticos das onomatopeias enquanto figuras de linguagem “sonoras³” na Libras e na Língua Portuguesa. Tem-se, então, por principal objetivo desta pesquisa constatar o uso das onomatopeias na e da própria Libras.

Assim, como forma de pavimentar os estudos sobre as onomatopeias, objetiva-se, em um primeiro momento, traçar semelhanças teóricas a partir de estudos já realizados sobre o tema. Objetiva-se também, em um segundo momento, buscar similaridades na ocorrência desses recursos na Libras e na Língua Portuguesa, voltando-se, após uma reflexão em nível conceitual, para situações de uso da língua. Por fim, há um objetivo que perpassa todos os outros, que é o de contribuir de forma

³ A palavra “sonora”, indicada entre aspas, refere-se ao conceito extraído da LP como figura de linguagem que reproduz, por escrito, sons e ruídos do mundo físico. No entanto, este conceito, baseado em som, não se aplica à Libras, pois esta é uma língua de modalidade visual espacial motora, ou seja, não baseada em som. Por questões de entrelaçamento de conceitos entre língua oral e Libras, foi citado entre aspas.

significativa para os estudos da Libras, prestigiando e respeitando suas especificidades. Cada novo estudo leva-nos à identificação de mais aspectos relevantes da estrutura específica das línguas de sinais (Nascimento, 2013).

4. Figuras de linguagem

Antes de conceituar onomatopeia propriamente, é preciso conversarmos sobre as figuras de linguagem, pois as onomatopeias pertencem a esse grupo.

Figuras de linguagem constituem um amplo grupo de recursos expressivos que buscam incrementar a forma como um indivíduo se comunica; é uma forma especial de expressão do pensamento. (Amaral, 2013; Brandão, 1989; Cegalla, 2002, Lopes, 2010).

As figuras de linguagem são recursos especiais que servem àquele que utiliza da língua oral, escreve ou sinaliza, para comunicar à expressão mais força, cor, intensidade e beleza (Cegalla, 2002).

Lopes (2010); Bergamin *et al.* (2013) configuram as figuras de linguagem como recursos linguísticos utilizados pelos autores para que as obras se tornem mais expressivas. Esses recursos exploram os sons, os movimentos, os sentidos, e as estruturas da língua, bem como suas relações com as coisas do mundo, para criar sentidos novos e expressivos. Elas são capazes de conseguir um determinado efeito que influirá na interpretação do texto pelo leitor. Entretanto, as figuras de linguagem também fazem parte do nosso cotidiano.

Faz parte do senso comum reconhecer que as figuras de linguagem são recursos expressivos utilizados na comunicação que consistem em empregar palavras de forma figurada para criar impacto, produzir e transmitir significados e sentidos não convencionais ou não literais, ou seja, utilizar do sentido figurado, sendo então, formas especiais de expressão que exploram a conotação das palavras, visando surpreender e sensibilizar os interlocutores. O conhecimento dessas estratégias contribui para a compreensão, interpretação e apreciação da linguagem em diversos contextos, como textos jornalísticos, literários e publicitários. Além disso, elas não se limitam à literatura, sendo também usadas na comunicação cotidiana, isto é, conectam o sentido figurado à linguagem poética e cotidiana para ampliar sentidos, criar efeitos expressivos e transmitir emoções.

No decorrer do estudo, refutaremos a afirmativa trazida pelos autores Amaral (2013); Brandão (1989); Cereja; Magalhães (2013); Cereja; Vianna; Damien (2016); Guiraud (1970); Nicola; Infante (1997); Ormundo e Siniscalchi (2018); Ramos (2013); de que as figuras de linguagem seriam baseadas exclusivamente na linguagem figurada ou sentido figurado.

Honeck e Hoffman (2020), no livro *Cognition and Figurative Language*, conceituam a linguagem figurada como o uso do sentido conotativo, metafórico ou subjetivo da linguagem. Ela é aquela que proporciona interpretações abstratas que vão além do sentido literal das palavras e das definições que aparecem nos dicionários. A linguagem figurada é usada para dar mais expressividade ao discurso, para tornar mais amplo o significado da palavra. Além disso, serve para criar significados diferentes ou quando o interlocutor não encontra um termo adequado para o que deseja comunicar.

Podemos dizer, baseados em Dancygier e Sweetser (2014), que o Sentido Figurado significa que um uso é motivado por uma relação metafórica ou metonímica com algum outro uso, um uso que pode ser rotulado como literal. E literal não significa uso cotidiano, normal, mas um significado que não depende de uma extensão figurada de outro significado.

Como supracitado, para pensar um significado como figurado, precisamos pensar que existe algum significado literal a partir do qual ele é ‘estendido’ por alguma relação figurada. Linguagem figurada, entendida aqui como linguagem metafórica baseada na Teoria da Metáfora Conceptual, consiste em compreender e experienciar uma coisa em termos de outra (Lakoff; Johnson, 1980).

Partindo dessa premissa, a linguagem figurada está diretamente relacionada à linguagem conotativa e, diante dessa afirmativa, há um equívoco ao afirmar que as figuras de linguagem são recursos expressivos baseados no uso das palavras e expressões em sentido figurado.

Notadamente, é esta a noção que tem sustentado a abordagem das figuras, e que ainda se encontra amplamente difundida em materiais de ensino de línguas, tais como gramáticas, livros didáticos e dicionários, a noção de que as figuras de linguagem estão enraizadas na linguagem figurativa ou linguagem conotativa. Percebe-se, no entanto, que há figuras que têm, em sua essência, o emprego da linguagem literal ou sentido literal.

Do exposto até aqui, depreende-se que as figuras de linguagem em sua totalidade não podem ser enquadradas numa sistemática de natureza conotativa figurativa. Para Fiorin (2014), o contrário de sentido figurado é o sentido literal.

Muitas são as discussões sobre a questão do sentido literal e as divergências sobre o tema. Assumimos, contudo, que o sentido literal nada mais é que um sentido básico que se entende quando se usa a língua em situações naturais (Marcuschi, 2008), assim, o sentido literal está em oposição ao sentido figurado. Não se trata do sentido dicionarizado, não está vinculado à forma automatizada das palavras, pois elas podem ter vários sentidos literais. O sentido é um efeito do funcionamento da língua e não uma simples propriedade inerente ao item lexical como tal.

Ariel (2002) define que o sentido literal (SL) foi tido originalmente como codificado, composicional, contextualmente invariante, sentencial e vericondicional (condição significativa para identificar a verdade dos enunciados). Seria, segundo a autora: automático, obrigatório, normal – contrário de fortuito, não marcado, não figurativo. Sugere ainda, três aspectos pelos quais o SL poderia ser tomado como básico ou mínimo. Seriam eles: linguisticamente (que se acha inscrito nos usos comuns, dicionarizados); psicolinguisticamente (que se dá como aquele que surge pelos usos intencionais); interacionalmente (que ocorre nos processos interativos negociadamente).

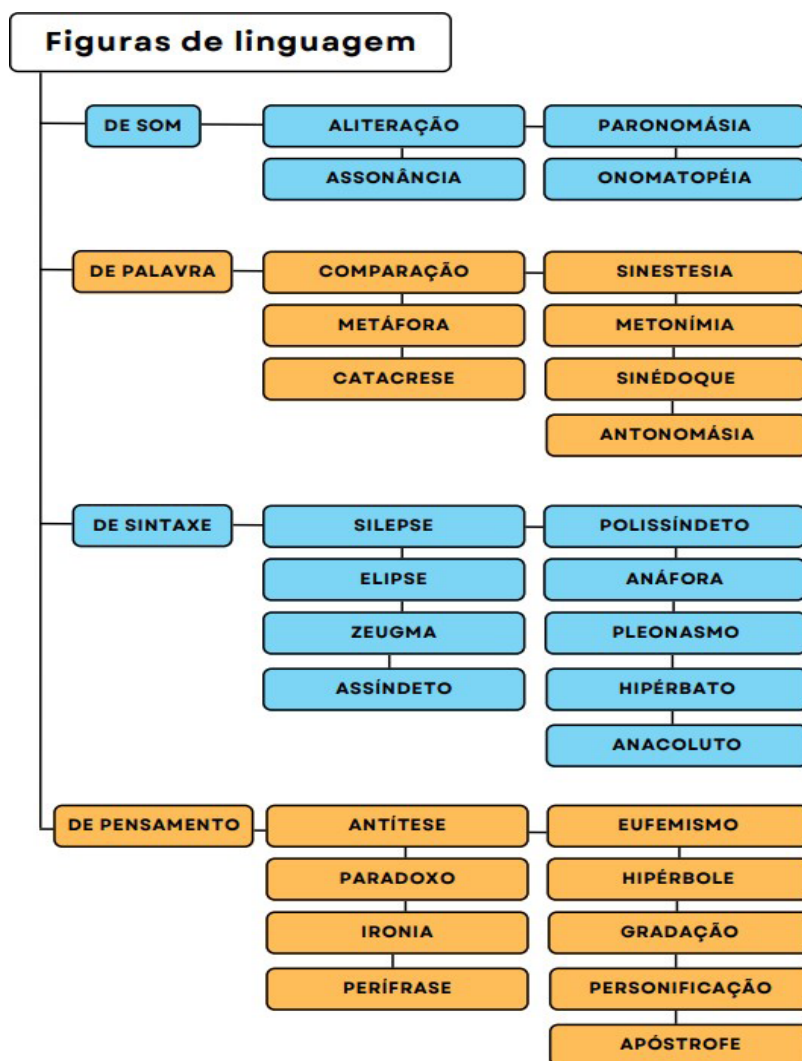
Assim, se um dos aspectos centrais da noção de SL supracitado é sua invariância contextual, sendo que sua essência estaria no conhecimento linguístico dos itens lexicais e de suas regras linguísticas de combinação, isto já não é mais tão seguro. O SL não pode ser mais tido simplesmente como aquilo que é dito, completamente determinado, explícito e convencional. É por isso que há uma discussão entre os estudiosos sobre a não possibilidade de distinção entre sentido literal e sentido figurado da maneira tradicional, já que o SL requer um suporte contextual (tal qual o sentido figurado).

O processamento do SL é, por vezes, inferencial e do sentido figurado é automático em muitos casos – isso sugere que é até mais fácil lidar com o sentido figurado). As formas linguísticas não estão obviamente classificadas entre sentido literal e sentido figurado e vale ressaltar que tal como Searle (1978), citado por Marcuschi (2008), muitos enunciados tomados em sentido literal exigem contextos para sua interpretação.

Trazemos aqui uma classificação comumente referenciada na língua portuguesa por Guimarães e Lessa (1988), que referem a figuras de linguagem como modo de dizer diferente do comum, recursos que enfatizam as sensações, servindo para expressar aquilo que a linguagem comum aceita por todos não consegue expressar satisfatoriamente, portanto são embasadas na linguagem figurada. Ou seja, é uma forma de o ser humano assimilar e expressar experiências diferentes, desconhecidas, novas. Revelam a sensibilidade de quem as produz.

Os autores classificam as figuras em 4 grupos, sendo: figuras de palavras (tropos), figuras de sintaxe ou de construção, figuras de pensamento, figuras de som ou de harmonia, conforme quadro abaixo:

Figura 1: Principais Figuras de Linguagem – Guimarães e Lessa



Fonte: Elaboração das autoras – baseado em Guimarães e Lessa (1988).

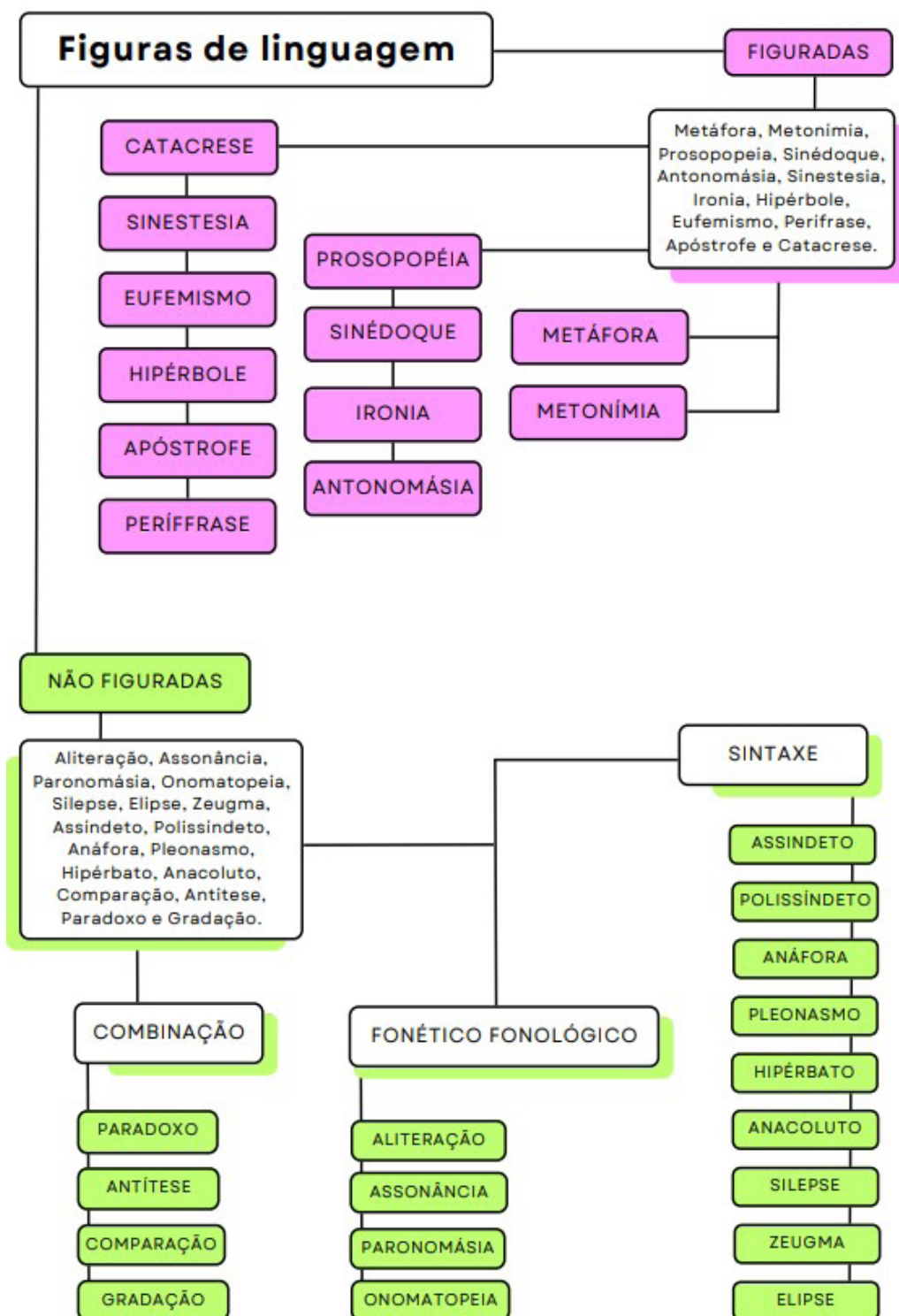
Através desta pesquisa constatamos que existem figuras de linguagem onde ocorre alteração de sentido, ou seja, aquelas que se comportam como linguagem figurada (aqui nomeadas de Figuradas), também chamadas na retórica de Tropos, e aquelas que não se comportam como linguagem figurada (denominadas aqui de Não Figuradas).

Figuras de linguagem Figuradas se comportam como Tropos, e de acordo com Fiorin (2014), Tropos é direção, maneira, mudança, alteração de sentido da palavra, conseqüentemente sentido figurado/conotativo. Sendo a partir de um significado literal ele é ‘estendido’ por alguma relação figurada. É a alteração de significado, é o sentido não literal. É uma expressão lexical usada em um significado considerado ‘não literal’ ou ainda, considerando linguagem figurada como metafórica, as figuras de linguagem figuradas são uma reconceitualização de um domínio (o alvo) em termos de outro (a fonte) (Dancygier; Sweetser, 2014).

As figuras de linguagem ‘Não Figuradas’ são ações enunciativas utilizadas para intensificar e, conseqüentemente, para abrandar o sentido. O emissor, objetivando avivar ou atenuar o sentido, utiliza-se das figuras como adjunção ou repetição com conseqüente aumento do enunciado, supressão com a natural diminuição do enunciado; a transposição dos elementos, ou seja, troca de seu lugar no enunciado; e a mudança ou troca de elementos, o que não quer dizer que elas não provoquem efeitos especiais quando usadas (Fiorin, 2014), ou seja, a movimentação no nível fonológico, morfológico, sintático e semântico causa efeitos tanto quanto as figuras de linguagem que lançam mão da linguagem figurada.

A partir dessa afirmativa que se passa a cogitar na conciliação do critério de ser ‘Figurada’ e ‘Não Figurada’, admitindo que nada de novo é estabelecido, mas apenas se atinge uma esquematização situada em razoáveis níveis de coerência, tendo como meta primordial a de chegar a um sistema que seja simples e coerente, sem deixar de ser abrangente. Foi desse conceito de “Figurado” que partimos para tentar uma classificação para as figuras de linguagem, propondo, assim, uma macro organização baseada na definição de ‘Figurado’ ou ‘Não Figurado’ que as figuras se relacionam.

Figura 2: Figuras de linguagem – nova classificação



Fonte: Elaboração das autoras, baseado na pesquisa.

Portanto, a classificação definida através desta pesquisa é: as figuras de linguagem são divididas em dois macrogrupos, sendo denominados de ‘Figuradas’ e ‘Não Figuradas’. As não figuradas se dividem em: figuras ‘Fonético-fonológicas’, de ‘Sintaxe’ e de ‘Combinação’.

As formas da língua existem para construir sentidos e, por esse motivo, as figuras são ações enunciativas para intensificar, criar o sentido de determinado componente do discurso. São “mecanismos de construção do discurso” (Pires-de-Melo, 2001).

Resumidamente, ao longo da pesquisa, pode-se definir que as figuras de linguagem são recursos estilísticos que consistem no uso da linguagem figurada ou não, seguindo então para uma macro divisão de figuras ‘*Figuradas*’ e ‘*Não figuradas*’. As figuradas têm como base e ou comportamento a linguagem figurada. É a criação de um significado a partir da reconceitualização de um domínio (o alvo) em termos de outro (a fonte). Consiste em atribuir a um termo o significado de outro termo, estabelecendo uma relação de semelhança ou de analogia. São elas: Metáfora, Metonímia, Prosopopeia, Sinédoque, Antonomásia, Sinestesia, Ironia, Hipérbole, Eufemismo, Catacrese, Perífrase e Apóstrofe.

Já as Não Figuradas são aquelas que não se comportam como linguagem figurativa, compreendendo as que comportam como sentido literal em nível fonético-fonológico, sintático, imagístico/pensamento. São maneiras de falar distantes daquelas naturais e ordinárias (Brandão, 1989), utilizadas nos níveis: fonético-fonológico – *figuras fonético-fonológicas*, assim chamadas devido aos efeitos produzidos relacionarem-se com os parâmetros fonético-fonológicos da língua; nível do uso de sentido figurado – *figuras figuradas*, caracterizado por criar um novo sentido através do uso do sentido figurado/metafórico; das estruturas sintáticas – *figuras de sintaxe* figuras que movimentam as palavras dentro da frase diferenciando da norma ditada pela gramática normativa da língua; o nível do significado por combinação – *figuras de combinação*, caracterizado como recursos expressivos que trabalham com a combinação de palavras, termos, orações ou expressões dentro do texto, promove um novo dimensionamento ao sentido lógico da frase, do período, da oração. São elas: Aliteração, Assonância, Paronomásia, Onomatopeia, Silepse, Elipse, Zeugma, Assíndeto, Polissíndeto, Anáfora, Pleonismo, Hipérbato, Anacoluto, Comparação, Antítese, Paradoxo e Gradação.

Atentamo-nos então para as figuras Não Figuradas especificamente para as “*figuras fonético-fonológicas*”, pois a figura na qual estamos estudando - a onomatopeia pertence a esse grupo.

Em línguas orais, no caso aqui em estudo a língua portuguesa, as figuras de som também são chamadas de Figuras de dicção, dizem respeito à oralidade, ou às particularidades fônicas do texto, caracterizadas por alteração na pronúncia ou na estrutura das palavras (Pires-de-Melo, 2001). Figuras de som são assim denominadas as figuras de linguagem cujos efeitos produzidos relacionam-se aos sons das palavras (Lopes, 2010).

Entende-se, então, que em determinadas situações, os falantes sentem a necessidade de explorar sons para produzir efeitos de sentido. O uso frequente de alguns desses efeitos sonoros acaba por fazer com que tais efeitos passem a designar figuras de linguagem específicas, chamadas de figuras sonoras ou de som.

Pensando nas figuras de som no contexto de línguas de sinais, há uma diferença marcante que é chamada de modalidade. Isto é, enquanto as línguas orais são produzidas pela articulação vocal e percebidas pelo ouvido, as línguas de sinais são produzidas por movimentos corporais que são percebidos visualmente. Tal diferença reside no canal de comunicação que, muitas vezes, é considerado ser a causa última das diferenças estruturais entre as línguas orais e gestuais.

Portanto, ao se tratar das línguas embasadas na modalidade visual espacial motora, as figuras fonético-fonológicas não exploram os sons, as vias dessa modalidade, mas se fundamentam nos parâmetros fonético-fonológicos da Libras, sendo: configuração de mão, movimento, localização, orientação da mão (Liddell; Johnson, 2000) e expressões não manuais. O estudo fonético-fonológico das línguas de sinais inclui a produção e a percepção de sinais manuais e não manuais.

As figuras de linguagem fonético-fonológicas das línguas de sinais utilizam vários articuladores, como mãos, corpo, expressões faciais, olhos, boca (articulação-boca, gestos-boca), cabeça, movimento, entre outros. Pfau; Quer (2010) enfatizam que além das mãos, o corpo, a cabeça e a face também desempenham papéis importantes e complexos na gramática das línguas de sinais. Os marcadores não manuais, incluindo expressões faciais, são divididos em regiões superior e inferior do rosto, cada uma relacionada a diferentes aspectos sintáticos e morfológicos. Estudos indicam que, durante a comunicação em línguas de sinais, os sinalizantes direcionam sua atenção principalmente para o rosto, onde informações gramaticais essenciais são codificadas de forma não manual (Siple, 1978; Swisher *et al.*, 1989 *apud* Pêgo, 2021).

5. Metodologia

Na busca por identificar e extrair as onomatopeias na Libras, a pesquisa apresenta abordagem qualitativa de objetivo exploratório e procedimento documental. Como recurso metodológico, foram utilizados os *softwares* ELAN e *Microsoft Paint*.

A extração das onomatopeias ocorreu em três etapas. Em um primeiro momento, um estudo teórico conceitual. Em segundo, a coleta de produções em Libras para composição do corpus. Na última etapa, análise dos vídeos.

Na etapa um, o foco esteve em delinear os conceitos de figura de linguagem - onomatopeia existentes nas línguas orais para, com base neles, identificar e descrever os mesmos conceitos na Libras, a partir das semelhanças teóricas conceituais existentes. A comparação das produções dessa figura nas línguas orais e nas línguas de sinais foi meramente conceitual. Assim, como forma de pavimentar os estudos sobre as figuras de linguagem na Libras, em um primeiro momento, o objetivo foi traçar semelhanças teóricas conceituais a partir de estudos já realizados sobre o tema.

Após estudo conceitual das figuras de linguagem a serem analisadas, na etapa dois, foi realizada a coleta de vídeos para a pesquisa, seguindo a linha de método de pesquisa documental de vídeos. Pois, como afirmam os autores Prodanov; Freitas (2013), a pesquisa documental baseia-se em materiais que não receberam ainda um tratamento analítico científico ou que podem ser reelaborados de acordo

com os objetivos da pesquisa, onde são organizadas as informações que se encontram dispersas, conferindo-lhe uma nova importância como fonte de consulta.

A escolha por pesquisa documental de vídeos se justifica pelo fato de que vídeos são utilizados como meio de registro pelas comunidades surdas; o registro da Libras, na maioria das vezes, é em forma de vídeo. Portanto, esta pesquisa foi realizada a partir da coleta de documentos em formato de vídeos em Libras que haviam sido registrados e divulgados em redes sociais, de acesso e domínio público, por sinalizantes fluentes na Libras, disponíveis nas redes sociais como: *Youtube* e *Instagram* que continham as figuras de linguagem que foram alvo desta pesquisa. Cabe salientar que pesquisas em páginas públicas na Internet que não requerem inscrição ou autorização do administrador para se ter acesso ao conteúdo, dispensam avaliação ética e o registro de consentimento. São exemplos aquelas pesquisas realizadas em *websites*, *blogs*, *Youtube* etc.” (Ensp/ Fiocruz, 2020)⁴.

Na etapa três, dentre as produções pré-selecionadas, foram escolhidas algumas para análise mais detalhada, ou seja, nesta fase sucedeu-se a análise e registro das ocorrências de situações de uso da onomatopeia na Libras de acordo com os conceitos apurados e expostos no estudo teórico conceitual, de forma mais sistemática, por meio do uso do *software* ELAN e do aplicativo *Microsoft Paint*⁵.

Vale ressaltar que foram selecionados vídeos produzidos originalmente em Libras, ou seja, traduções e interpretações não foram consideradas. Todos os vídeos coletados para análise estão disponíveis, na íntegra, para acesso através de um *QR Code* contendo as sinalizações.

Os vídeos selecionados que compõem nosso *corpus* de análise estão alocados no quadro 1, contendo o título do vídeo e a plataforma da qual foi extraído. Na quarta coluna, tem-se o gênero textual com o qual o vídeo é identificado e por último o link para acessar as produções.

Quadro 1: Identificação dos vídeos selecionados e analisados

| VÍDEOS SELECIONADOS | PLATAFORMA | AUTOR | GÊNERO TEXTUAL | LINK PARA ACESSO |
|--------------------------|------------|----------------|----------------|---|
| Os três machados | Youtube | Rimar R.Segala | Narrativa | https://www.youtube.com/watch?v=dj3MJnJjvsY&t=3s |
| Os Seis Animais Doutores | Youtube | Nelson Pimenta | Fábula | https://www.youtube.com/watch?v=TNQ-mdhFt9g |

Fonte: Elaboração das autoras

6. Resultados da pesquisa

Como resultado, por intermédio de estudos teóricos e análises presentes na pesquisa, podemos constatar a presença das onomatopeias na Libras.

⁴ Orientações sobre Ética em Pesquisa em Ambientes Virtuais. Disponível em: https://cep.ensp.fiocruz.br/sites/default/files/orientacoes_etica_pesquisa_ambiente_virtual.pdf.

⁵ *Paint* é um *software* que compõe os programas do sistema operacional *Windows* e que possibilita a criação de desenhos e pequenas edições de imagens.

6.1. Onomatopeias

Onomatopeia é uma figura de linguagem não figurada pertencente ao grupo fonético- fonológico em que palavra ou conjunto de palavras representa um ruído ou som. (Guimarães e Lessa, 1988). Para Pires-de-Melo (2001) é a palavra ou expressão que visa reproduzir vozes de animais, ruídos ou sons, naturais ou provocados, por meio da voz humana.

Onomatopeia consiste no aproveitamento de palavras, cuja pronúncia imita sons como vozes de animais, ruídos associados a determinadas emoções e comportamentos humanos, barulhos da natureza e de objetos e outros. É um recurso fonêmico ou melódico que a língua proporciona ao escritor. (Amaral *et al.*, 2013; Cegalla, 2002; Cherubim, 1989; Lopes, 2010; Ormundo; Siniscalchi, 2020; Ramos, 2013).

Nas línguas de sinais, existem estratégias que são usadas para representar os sons, no caso as onomatopeias, de maneira visual e gestual.

Uma das estratégias observadas durante a análise dos vídeos é que os sons onomatopaicos são produzidos pelas articulações-boca que, segundo Pêgo (2021) se constituem em ação, pois a forma de produção é resultado da interpretação visual do surdo sobre o contato com a língua oral que o cerca, ou seja, em movimentos de boca que se originam da língua oral circundante. (Boyes Braem; Sutton-Spence, 2001; Mohr, 2012).

De acordo com Pêgo (2021), dentro do âmbito das expressões não manuais, temos os movimentos de boca, ou ações-boca. Essas ações se dividem em dois principais grupos: as articulações-boca e os gestos-boca. A diferença básica entre esses dois grupos se resume ao fato de que a primeira deriva da língua oral circundante, enquanto o segundo é inseparável da língua de sinais (Crasborn *et al.*, 2008 *apud* Pêgo, 2021). De acordo com a definição supracitada, utiliza-se nessa tese o termo articulação-boca por referir à figura de linguagem ‘onomatopeia’ que é uma estratégia expressiva das línguas orais que imita sons, ou seja, boca é uma incorporação linguística da experiência visual dos surdos sobre a língua oral circundante e ocorre devido ao fato de ela ser mais semelhante à língua oral.

Articulação-boca com foco na produção da figura de linguagem onomatopeia evoca uma imagem sensorial vívida associada ao referente som. Sua principal função é adicionar uma camada imagética de significado a um discurso. Isso pode ser feito através do uso de diferentes aparências visuais formadas pela boca. Essas ações-boca podem não ter um significado proposicional, mas acrescentam ricas imagens sensoriais a uma descrição expressiva.

Interessante refletir que, mesmo os sons, aos quais a maioria dos surdos não têm acesso ou têm acesso limitado, são representados por articulação-boca. Eles não são a representação direta da entrada auditiva, mas sim a reinterpretação de sons experimentados por surdos. Nesse sentido, as articulações bucais onomatopaicas podem ser vistas como uma janela através da qual podemos observar a experiência sensorial única das pessoas surdas.

Alguns padrões de boca na língua de sinais cumprem funções semelhantes às dos ideofones na língua oral. Eles evocam certas sensações ou experiências sensoriais, a única diferença é que suas formas são visuais e não auditivas.

Fowler e Heaton (2006) produziram uma das primeiras publicações voltadas, exclusivamente, para esse tema. Eles apontam que a onomatopeia na língua de sinais envolve uma camada extra de reexperimentação do som: enquanto a onomatopeia oral é uma cópia indireta do som, com a língua de sinais ela incorpora mais: um elemento extra de som como percebida através dos sentidos visuais e físicos, e não através da audição. É visto e sentido, não ouvido: ele replica e transmite a sensação surda do som.

Na narrativa contada por Rimar R. Segala intitulada “Os três machados” (Figura 3), o narrador conta a história de uma mulher bela e admirada por todos que foi transformada em uma sereia por uma bruxa invejosa. A bruxa estabeleceu que a mulher só recuperaria sua forma humana se encontrasse um homem honesto que falasse a verdade. A sereia passou muitos anos na lagoa, desanimada até que um lenhador apareceu. Ao perder seu machado na água, a sereia encontrou três machados, um de ouro reluzente, um de prata e outro velho e enferrujado. O lenhador escolheu o machado velho, mostrando sua honestidade. Surpreendentemente, quando ele recebeu o machado, a sereia se transformou de volta em mulher.

Figura 3: Vídeo “Os três machados - Rimar R. Segala e Sueli Ramalho”.



Fonte: Vídeo “Os três machados”, Segala (2009).

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dj3MJnJjvsY&t=3s>

Na narrativa acima, encontram-se onomatopeias dos sons do machado batendo na árvore (03:58 a 04:06) e o som da árvore batendo no chão ao cair 00:04:08, todas representando os sinais manuais e articulação-boca como mostram as figuras abaixo:

Figura 4: Onomatopeia – articulação-boca “pa”



**AÇÃO CONSTRUÍDA - LENHADOR
BATENDO COM MACHADO
ARTICULAÇÃO-BOCA ‘p’**

**AÇÃO CONSTRUÍDA - LENHADOR
BATENDO COM MACHADO
ARTICULAÇÃO-BOCA ‘a’**

Fonte: Imagens do vídeo retirado do *YouTube*, do canal Rimar R. Segala

Figura 5: Onomatopeia – articulação-boca “pa”



**CLASSIFICADOR - LENHADOR
BATENDO COM MACHADO
ARTICULAÇÃO-BOCA ‘p’**

**CLASSIFICADOR - LENHADOR
BATENDO COM MACHADO
ARTICULAÇÃO-BOCA ‘a’**

Fonte: Imagens do vídeo retirado do *YouTube*, do canal Rimar R. Segala

Figura 6: Onomatopeia – articulação-boca – “boom”

**CLASSIFICADOR – ÁRVORE^CAIR
ARTICULAÇÃO-BOCA ‘b’**

**CLASSIFICADOR – ÁRVORE^CAIR
ARTICULAÇÃO-BOCA ‘om’**

Fonte: Imagens do vídeo retirado do *YouTube*, do canal Rimar R. Segala

Nas figuras 4, 5 e 6, a articulação-boca síncrona, produzida com o sinal manual (Pêgo, 2021), inicia juntamente com o sinal na posição vertical e termina quando a sinalização do sinal manual chega ao fim na posição horizontal na altura do tórax do sinalizante.

Na produção (figura 4) Rimar utiliza de uma ação construída⁶ incorporando um lenhador segurando pelo cabo e batendo com o machado na árvore, vale aqui destacar que o sinal de árvore foi realizado antes de a ação construída acontecer. A articulação-boca ‘pa’ segue a ação do sinalizante, conferindo característica onomatopeica do som do machado batendo na árvore. Na segunda composição (figura 5), o sinalizante utiliza de um classificador de instrumento ou manuseio, esse classificador, de acordo com Bernardino (2012), a configuração de mão pode representar tanto o movimento do instrumento ou a função da mão manuseando ou utilizando o instrumento. Uma das configurações de mão está representando tanto a lâmina do machado quanto o movimento dele ao bater na árvore; em contrapartida, na outra mão, há o sinal de árvore incompleto recebendo a pancada. Toda essa ação está associada à articulação-boca ‘pa’, som do machado batendo na árvore.

Em figura 6, tem-se a onomatopeia produzida pela articulação-boca ‘boom’ indicando a queda da árvore, sinalizada aqui por um classificador através da ação “ÁRVORE^CAIR”.

Nos três exemplos supracitados, constata-se a articulação-boca na produção dos sons onomatopeicos e ainda demonstra a simultaneidade dessa articulação síncrona com os sinais manuais produzidos.

⁶ Ação Construída se refere ao recurso das línguas de sinais em que o sinalizante se torna o objeto, assumindo assim o papel do referente que pode ser uma pessoa, um animal ou uma coisa (Quinto-Pozos, 2007; Bernardino *et al.*, 2019).

Na fábula “Os seis animais doutores”, escrita por Nelson Pimenta e identificada pela figura 7, numa extensa floresta, seis animais médicos se reúnem na tentativa de salvar a vida de uma tartaruga em estado terminal, com expectativa de vida de apenas cinco minutos. Durante uma acalorada discussão entre os animais sobre qual seria o melhor método para salvar a tartaruga, o tempo foi se esgotando e ela acabou morrendo sem que a intervenção médica pudesse ocorrer. A fábula, de forma clara, conclui com a mensagem de que existem diversos métodos e opiniões diferentes, mas o respeito mútuo e a união são essenciais para superar todos os obstáculos.

Figura7: vídeo “Os Seis Animais Doutores”



Fonte: Vídeo “Os Seis Animais Doutores”, Pimenta (2020).

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TNQ-mdhFt9g>

Nelson Pimenta produz uma onomatopeia, o “rugir” do leão (00:19 a 00:21), lançando mão da articulação-boca. As imagens (figura 8) ilustram um exemplo de quando o autor produz a articulação-boca ‘roar’ com o sinal manual constante, ou seja, o sinal manual no caso aqui representado por uma ação construída (quando o sinalizante toma a forma do leão com as patas sobrepostas) está inativo, pois as mãos e os braços estão fixos na configuração da ação construída descrita, a ação-boca realiza a onomatopeia “independente”, sem a movimentação do sinal manual; o significado do rugido do leão ‘roar’ realizado pela articulação-boca preenche a ação construída realizada pelo sinalizante.

Figura 8: “Onomatopeia – articulação-boca “roar”

AÇÃO CONSTRUÍDA - LEÃO RUGINDO
ARTICULAÇÃO-BOCA ‘roar’

Fonte: Imagens do vídeo retirado do *YouTube*, do canal Nelson Pimenta

Na sinalização de Nelson Pimenta, o rugir do leão produz uma onomatopeia denominada pelo pesquisador Michiko Kaneko (2020) de “Onomatopeia icônica” onde as formas fonte e alvo pertencem ao mesmo sentido (mapeamento “som-som” ou mapeamento “visual-visual”), ou seja, o sinalizante entrega uma articulação-boca (movimento de cabeça, expressões faciais, mostra dos dentes e outros) que representa visualmente o referente com o movimento que o leão faz ao rugir, o que é um “som” perceptível visualmente e entregue visualmente (mapeamento visual-visual). Ao longo dessa sinalização, a onomatopeia produzida através da combinação articulação-boca com as demais expressões não manuais desempenha um papel fundamental ao fornecer ao receptor uma intensa sensação visual do bramir do leão, devido à descrição da cena, o que igualmente provoca uma resposta auditiva semelhante a uma onomatopeia das línguas orais.

As onomatopeias nas línguas de sinais são baseadas na expectativa e na interpretação do evento por pessoas surdas. Ao invés de sons reais (Fowler; Heaton, 2006), Rimar (figuras 4, 5 e 6) produz os sinais conjuntamente às articulações-boca ‘pa’ e ‘boom’, que evocam uma sensação física na mente da pessoa surda sinalizante através da visão, ou seja, ao bater o machado (‘pa’) e a queda da árvore (‘boom’), esses elementos criam um forte impacto representado por meio da ação-boca.

Observa-se que Nelson Pimenta, ao se referir ao rugido do leão, sinaliza a articulação-boca abrindo-a levemente e, depois, pressionando-a novamente. Essa sequência é a onomatopeia que é usada para produzir o som ‘roar’. A descrição desse rugido faz parte de uma expressão de emoções, transmitindo como som produzido. Como Fowler e Heaton (2006), Bridges (2007) enfatiza que os movimentos vêm da imitação visual de sons esperados, e não dos sons reais produzidos em tais ocasiões.

Percebe-se que as onomatopeias são recursos expressivos não figurados que desfrutam de recursos fonético-fonológicos, ou seja, o emissor escolhe, pelo acréscimo desses recursos, causar o sentido desejado no receptor, aqui pesquisados na Libras, destacando-se pelos usos das expressões

não manuais, ou mais especificadamente, as articulações-boca usadas conjuntamente aos sinais manuais. Compreendemos, portanto, que as onomatopeias produzidas através da articulação-boca não são mera decoração para sinais manuais, porém, têm igual valor e importância, assim como o poder de mudar inteiramente o sentido de uma sinalização. Elas contribuem para a entrega holística do discurso e muitas vezes oferecem uma interpretação simbólica. Além de permitir que o receptor da mensagem experimente visualmente o mesmo evento que o som provocaria em um ouvinte, adicionando mais expressividade, realidade e autenticidade à produção.

A onomatopeia da língua de sinais não é apenas capaz de recuperar o poder da arte de apelar para os sentidos, mas também de ampliar os limites da linguagem e destacar seu potencial criativo e expressivo.

Considerações finais

A onomatopeia é uma figura de linguagem não figurada que pertence ao grupo fonético-fonológico e tem como principal característica a representação de ruídos, sons naturais ou provocados, por meio da linguagem humana. Este recurso expressivo é observado tanto nas línguas orais quanto nas línguas de sinais, onde as articulações-boca, por meio de uso de classificadores e incorporação das expressões não manuais desempenham um papel fundamental na criação de imagens sensoriais vívidas e na reinterpretação dos sons experimentados pelos surdos.

A extração das onomatopeias ocorreu em três etapas. Inicialmente, realizou-se um estudo teórico conceitual, focado em delinear os conceitos de figura de linguagem e onomatopeia presentes nas línguas orais, com o objetivo de identificar e descrever esses conceitos na Libras, com base nas semelhanças teóricas e conceituais existentes.

Em seguida, procedemos à coleta de documentos em formato de vídeos em Libras, disponíveis em redes sociais de acesso público, como *Youtube* e *Instagram*, com sinalizantes fluentes na língua. Esses vídeos foram utilizados para compor o corpus.

Por fim, conduzimos uma análise detalhada dos vídeos coletados. Entre as produções pré-selecionadas, foram escolhidas duas do *Youtube*: uma narrativa intitulada “Os três machados” e uma fábula “Os Seis Animais Doutores”, sinalizadas por Rimar R. Segala e por Nelson Pimenta, respectivamente. Nesta fase, ocorreu a análise e registro das ocorrências de uso das onomatopeias na Libras, de acordo com os conceitos apurados no estudo teórico-conceitual, de forma mais sistemática, por meio do uso do *software* ELAN e do aplicativo *Microsoft Paint*.

Vale ressaltar que todos os vídeos coletados para análise estão disponíveis na íntegra para acesso, por meio de um *QR Code* contendo as sinalizações.

A onomatopeia na língua de sinais não se limita a ser uma mera decoração para os sinais manuais, mas possui um valor e importância igualmente significativos. Ela pode mudar, completamente, o sentido de uma sinalização, contribuindo para a entrega holística do discurso e permitindo que o receptor da mensagem experimente visualmente o mesmo evento que um som provocaria em um ouvinte. Isso adiciona expressividade, realismo e autenticidade à comunicação na língua de sinais.

Referências

- AMARAL, Emilia; FERREIRA, Mauro; LEITE, Ricardo. *Novas palavras*: 1º ano. 2. ed. São Paulo: FTD, 2013.
- ARIEL. Mira The Demise of a Unique Concept of Literal Meaning. *Journal of Pragmatics*, v. 34, n. 4, pp. 361-402, 2002.
- BERGAMIN, Cecília; BARRETO, Ricardo G.; SANTA BARBARA, Marianka G.; MARTINS, Matheus. *Ser Protagonista*: língua portuguesa. São Paulo, SP: Editora SM LTDA, v. 1-3, 2013.
- BERNARDINO, Elidéa L. A. O uso de classificadores na língua de sinais brasileira. *ReVEL*, v. 10, n. 19, 2012. Disponível em: <https://www.revel.inf.br/pt>. Acesso em: 01 fev. 2024.
- BERNARDINO, Elideia L. A.; MARTINS, Dinalva A.; MOURA, Jéssica C. B. M.; BASTOS, Stefanie V. A ação construída na Libras conforme a Linguística Cognitiva. *Signótica*, v. 32: e62990, p. 1-27, 2020. ISSN: 2316-3690. Disponível em: <http://https://www.revistas.ufg.br/sig/issue/view/2157>. Acesso em: 01 fev. 2024.
- BOLGUERONI, Thais; VIOTTI, Evani C. Referência Nominal em Língua de Sinais Brasileira (Libras). *Revista Todas as Letras*, v. 15, n. 1 (ja/ju), p. 15-50, 2013. Acesso em: 04 jan. 2024.
- BOYES BRAEM, Penny; SUTTON-SPENCE, Rachel (org.) *The hands are the head of the mouth*. Hamburg: Signum-Verlag, 2001. v. 1. 291p.
- BRANDÃO, Roberto O. *As Figuras de Linguagem*. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- BRIDGES, Byron *Making Sense of Visual Mouth Movement: A Linguistic Description*. Unpublished PhD diss., Lamar University. 2007.
- CEGALLA, Domingos P. *Novíssima gramática de língua portuguesa*. 45. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.
- CEREJA, William R.; MAGALHÃES, Thereza C. *Português: linguagens*. São Paulo: Saraiva, 2013.
- CEREJA. William; VIANNA. Carolina D.; DAMIEN, Christiane; *Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso*. São Paulo: Saraiva, 2016.
- CHERUBIM, Sebastião *Dicionário de Figuras de Linguagem*. São Paulo: Pioneira, 1989.
- COSTA, Josiane M. da. *Leitura e Compreensão de expressões metafóricas em português como L2 por surdos sinalizadores*. 2015. Dissertação (Linguística Aplicada) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2015, 155 f.
- COSTA, Josiane M. da. *O ensino de metáforas em Língua Portuguesa para surdos bilíngues Libras-Português*. 2020. Tese de doutorado - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos - Universidade Federal de Minas Gerais, 2020, 173 f. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/34045/1/Costa_2020_Tese_Doutorado.pdf. Acesso em: 4 jan. 2024.
- DANCYGIER, Barbara; SWEETSER, Eve *Mental spaces in grammar: conditional constructions*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

DANCYGIER, Barbara; SWEETSER, Eve, *Figurative Language*. Cambridge: Cambridge University Press. 2014. 242 p.

ELAN (Version 6.7) [Computer software]. (2023). Nijmegen: Max Planck Institute for Psycholinguistics, The Language Archive. Retrieved from <https://archive.mpi.nl/tla/elan>

FARIA, Sandra P. de. *A metáfora na LSB e a construção dos sentidos no desenvolvimento da competência comunicativa de alunos surdos*. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2003. 310 f.

FARIA, Sandra P. de. *Metáfora na LSB: por debaixo dos panos ou a um palmo de nosso nariz?* ETD. Educação Temática Digital. N. 02, 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/802>. Acesso em: 02 de fev. 2024.

FIORIN, José L. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2014.

FOWLER, David; HEATON, Mark Onomatopoeia in British Sign Language. In: *The Deaf Way II Reader: Perspectives from the Second International Conference on Deaf Culture*, ed. H. Goodstein, pp. 241-244. Washington DC: Gallaudet University Press, 2006.

GUIMARÃES, Hélio S.; LESSA, Ana C. *Figuras de Linguagem: Teoria e Prática*. São Paulo: Atual, 1988.

GUIRAUD, Pierre *A estilística*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

HONECK, Richard P.; HOFFMAN, Robert R. (ed.). *Cognition and Figurative Language*. London: Routledge, 2020.

KANEKO, Michico Onomatopoeic Mouth Gestures in Creative Sign Language. *Sign Language Studies*, vol. 20, n. 3, 2020, pp. 467-490.

KLIMA, Edward; BELLUGI, Ursula *The signs of language*. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark *Metaphors we live by*. Chicago, the University of Chicago Press, 1980.

LIDDELL, Scott K. Four Functions of a Locus: Reexamining the Structure of Space. In *ASL. In Sign Language Research - Theoretical Issues*. Gallaudet University Press. Washington. 1990. pp.176-200.

LIDDELL, Scott K.; JOHNSON, Robert E. American Sign Language: The Phonological Base. In: VALLI, C. & C. LUCAS (org.). *Linguistics of American Sign Language: an introduction*. Washington, D. C.: Clerc Books/ Gallaudet University Press. 2000.

LOPES, Karolina *Minimanual de Gramática*. 1ª edição. São Paulo: DCL, 2010.

LOPES, Maria Teresa R. *Motivação poética: onomatopeias e palavras impressivas*. Lisboa: Estampa, 1961.

MARCUSCHI, Luiz A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOHR, Susanne The visualgestural modality and beyond: mouthings as a language contact phenomenon in Irish Sign Language. *Sign Language & Linguistics*, v. 2, pp. 185-211, 2012.

NASCIMENTO, Vinicius Contribuições bakhtinianas para o estudo da interpretação da língua de sinais. *Tradterm*, v. 21, pp. 213-236, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/59364/62597>. Acesso em: 30 dez. 2023.

NICOLA, José de; INFANTE, Ulisses. *Gramática contemporânea da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1997.

ORMUNDO, Wilton SINISCALCHI, Cristiane *Se liga nas linguagens: português*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2020.

PFAU, Roland; QUER, Josep Nonmanuals: their prosodic and grammatical roles. In: BRENTARI, D. (ed.). *Sign languages* (Cambridge Language Surveys). Cambridge: Cambridge University Press, 2010. pp. 381-402.

PÊGO, Carolina F. *Articulação-boca na libras: um estudo tipológico semântico-funcional*. Tese (doutorado) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós Graduação em Linguística, Florianópolis, 2021.

PIRES-DE-MELO, José G. *Figuras de estilo*. São Paulo: Rideel; Brasília: UniCEUB, 2001.

PRODANOV, Cleber C.; FREITAS, Ernani C. *Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnica da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUADROS, Ronice M. *As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na LIBRAS e reflexos no processo de aquisição*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do RS. Porto Alegre. 1995.

QUADROS, Ronice M.; KARNOPP Lodenir B. *Língua de sinais brasileira - Estudos Linguísticos*. Porto Alegre. Artes Médicas, 2004.

QUINTO-POZOS, David. Why does Constructed Action seem obligatory? An analysis of “Classifiers” and the lack of articulator-referent correspondence. *Sign Language Studies*, v. 7, n. 4, pp. 458-506. Summer 2007.

RAMOS, Rogério A. *Ser Protagonista: Língua Portuguesa, 1º ano: ensino médio/obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida por Edições SM*. 2. ed. São Paulo: Edições SM, 2013.

STOKOE, William. *Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf*. *Studies in Linguistics: Occasional Papers*, 8, Washington, DC: Gallaudet University Press, 1960.

WILCOX, Phyllis P. *Metaphor in American Sign Language*. Washington, DC: Gallaudet University Press. 2000, p. 213.